



“fernando
sabino

nada além do essencial

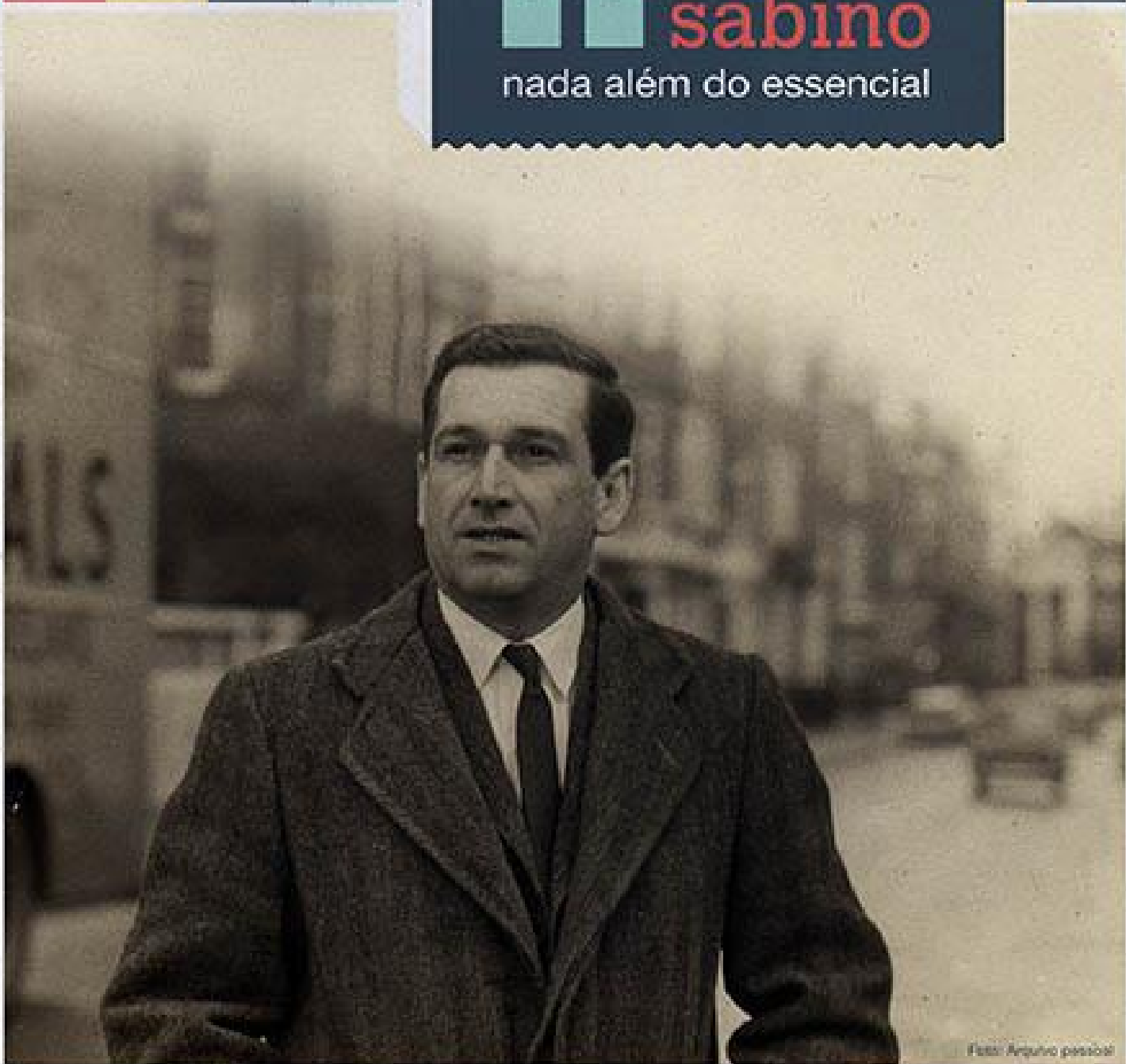
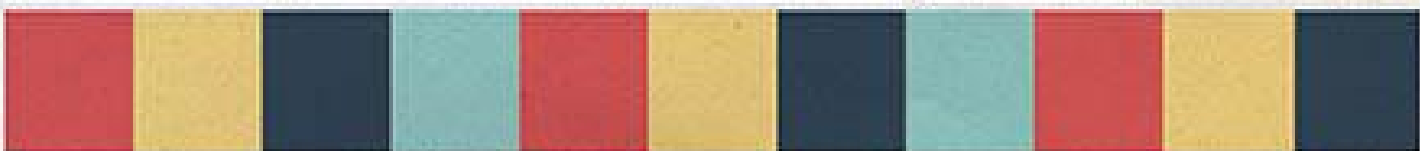


Foto: Arquivo pessoal



apresentação



fernando sabino

nada além do essencial

A Superintendência de Bibliotecas Públicas, por meio desta exposição, convida o leitor a fazer um mergulho na obra literária de Fernando Sabino. Obra rica e variada passeando pelo romance, novela, conto, carta, crônica e outros.

Visitar a obra de Sabino é mergulhar na história e no tempo, tempo este em que ele viveu plenamente, buscando inteirar-se de tudo que acontecia no mundo literário da época. Apaixonado pela escrita desde cedo, passou do jovem escritor inquieto e intimista a um escritor maduro de estilo leve, direto e fácil.

Romancista, quase autobiográfico, brincava de esconder-se em seus personagens. Em suas cartas, aos amigos mais chegados, discutia literatura e fortalecia os laços de amizade. Em seus relatos de viagens - e ele viajou muito - compartilhou com os leitores suas emoções e experiências, mas foi em suas crônicas que se destacou. Com o olhar atento e sensível procurou apreender o melhor do ser humano e a beleza do cotidiano. Mestre da crônica, revelou em seu texto, sobretudo, o escritor preocupado em escolher a palavra certa que melhor refletisse o seu pensamento. Sabino procurava acima de tudo a simplicidade. Nada além do essencial.

A exposição literária "Fernando Sabino: nada além do essencial" quer mostrar ao público a diversidade e a beleza da obra de Fernando Sabino. Com isso esperamos que, seduzidos pelos trechos escolhidos, os leitores sintam-se tentados a conhecer mais profundamente a sua obra completa.

Boa Leitura!!!

Foto: Arquivo pessoal



os grilos não cantam mais



Abriu a janela e se debruçou no parapeito. Ela dava para um lote vazio de casa e cheio de mato. Um grilo teimava em pontilhar o silêncio de cri-cri. Também o relógio... Ou era só o relógio? Não. Um relógio e um grilo martelavam conjuntamente a noite. Noite feia, noite escura, céu marrom prometendo chuva. Tudo tão diferente...

Começou a assobiar baixinho a valsa de Mozkowski. Ela era suave, parecia que balouçava uma coisa qualquer (uma rede, as folhas de uma palmeira). Mas o assobio era um sópro apenas. E o ritmo do despertador, cá dentro, e do grilo, lá fora no lote cheio de mato pediam um fox. Ele continuou a ignorar aquela marcação impertinente, e a valsa permaneceu na sua cabeça, porque o coração batia mais devagar (...)

... O grilo recomeçou a cricilar. Não, não é o grilo. É o despertador. Não para nunca, esse despertador. Martela eternamente, é de ferro e não cansa. Se tivesse também um coração de ferro, não cansaria, podia bater com força a vida toda. Não sentiria nada. Mas era preciso sobretudo que não houvesse aquele sangue quente que o lubrificava a cada batida. (...)

...A lágrima não esperou nem mais um pouco e despencou pelo seu rosto abaixo. Ela já estava dependuradinha, pronta para cair. Um galo cantou por perto. Outro distante respondeu, num tom mais elevado. (...) Podia haver um sapinho coaxando no brejo do lote vazio. Seria tão bom. Mas no lote vazio não há brejo algum, há só mato. (Há também um grilo, muitos grilos, porém, os grilos não cantam mais). Na rua não passam os bondes, os motorneiros foram dormir. As nuvens estão indo embora. Assim mesmo, é capaz de ainda haver chuva, é bem capaz.



SABINO, Fernando.
Os grilos não cantam mais contos.
Rio de Janeiro:
Livraria Pinguim, [19-], 150p.

“ vivências 6

Escrevo antes de mais nada para mim mesmo – aquilo que eu gostaria de ler. Mas não escrevo só para mim. Nem para meus amigos, nem pra meia dúzia de leitores, mas para o maior número de pessoas. Escrevo para me comunicar, e o que mais me alegra é quando essa comunicação se estabelece.

Só que poucas vezes chego a tomar conhecimento – e essa é uma das aflições de um escritor. Quanta coisa já escrevi que, mesmo tendo sido lida por muita gente, jamais saberei o efeito que causou.

Mas às vezes fico sabendo, e de maneira bem surpreendente. Soube um dia de um casal que estava se separando e na hora de dividir as coisas de casa o marido pegou um livro meu e disse que aquilo era dele, fazia questão de levar. A mulher protestou, dizendo que era seu, ela é que havia comprado. Ele se espichou na cama, começou a ler o livro e de repente desatou a rir. Ela se ofendeu: não podia admitir que, num momento tão importante da vida deles, o marido tivesse coragem de ficar rindo como um idiota. Ele pediu desculpas e leu para ela o trecho. Ela também começou a rir e em pouco os dois passaram a ler juntos na cama e acabaram na cama sem o livro. E desistiram de se separar, conforme me escreveram contando.

Reconheço que parece história inventada, como numa crônica minha.



SABINO, Fernando.
O cotidiano do homem.
3. ed. Rio de Janeiro:
Record, 1999. 187p.

o estranho ofício de escrever



Éramos três condenados à crônica diária: Rubem no "Diário de Notícias", Paulo no "Diário Carioca" e eu no "O Jornal". Não raro um caso ou uma idéia, surgidos na mesa do bar, servia de tema para mais de um de nós. Às vezes para os três. Quando caíu um edifício no Bairro Peixoto, por exemplo, três crônicas foram por coincidência publicadas no dia seguinte, intituladas respectivamente: "Mas Não Cai?", "Vai Cair" e "Caiu".

Até que um dia, numa hora de aperto, Rubem perdeu a cerimônia:

— Será que você teria aí uma crônica pequenininha para me emprestar?

Procuri nos meus guardados e encontrei uma que talvez servisse: sobre um menino que me pediu um cruzeiro para tomar uma sopa, foi seguido por mim até uma miserável casa de pasto na Lapa; a sopa existia mesmo, e por aquele preço. Chamava-se "O Preço da Sopa". Rubem deu uma melhoria na história, trocou "casa de pasto" por "restaurante", elevou o preço para cinco cruzeiros, pôs o título mais simples de "A Sopa".

Tempos mais tarde chegou a minha vez - nada como se valer de um amigo nas horas difíceis:

— Uma crônica usada, de que você não precisa mais, qualquer uma serve.

— Vou ver o que eu posso fazer - prometeu ele.

Acabou me dando de volta a da sopa.

— Logo esta? _ protestei.

— As outras estão muito gastas.

Sou pobre mas não sou soberbo.

Ajetei a crônica como pude. Toquei-lhe uns remendos, atualizei o preço para dez cruzeiros e liquei de uma vez com ela, sob o título: "Esta Sopa Vai Acabar".



SABINO, Fernando.
A falta que está na fal. 4. ed.
Rio de Janeiro:
Rocco, 1980. 196p.



Rio, 3/9/44

Querido Otto,

Recebi sua carta, que chegou em boa hora. Ando meio deslocado ultimamente – deslocado no duro, como quem torce um pé ou destranca um braço. Otto, meu velho, Otto de cara-de-amendoim, Otto da tristeza sem fim, Otto cético, Otto asmático, Otto carismático, você menino, você chorando, você escutando, você bebendo, você sozinho, você tristonho – tudo tão triste!

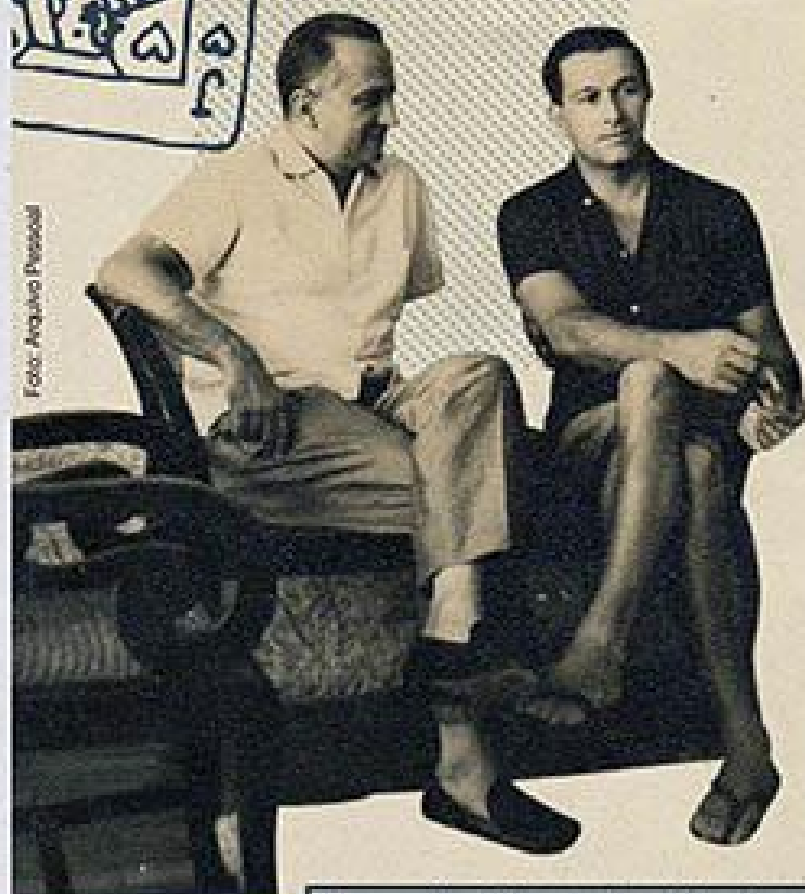
Otto, segundo me consta, hoje já é outro dia. Domingo de tarde, um domingo sem-vergonha, se oferecendo. Do correio, hoje, eu esperava alguma coisa de vocês daí, e o domingo trouxe só uma carta: valete de copas. Escrevi ao Elienne, ando esperando resposta, sabe se ele recebeu? O Hélio me escreveu uma carta que me deixou emocionado. Preciso escrever a ele. Vocês aí existem, estão ainda junto de mim, e uma carta como essa do Hélio é quase ele em carne e osso de tanto que ajuda e comove a gente. (...)

... Estou pensando uma coisa engraçada, e é que você quando receber esta carta eu já fui e já voltei: já vivi a segunda-feira que é amanhã, provavelmente a terça, e mesmo a quarta-feira. Quer dizer que o que você vai receber é nada mais, nada menos, que um momento, um retrato, um instante, fiel e exato do meu passado!

É incrível pensar que você, por exemplo, lendo a palavra AMIGO, que escrevo com carinho e letra maiúscula me referindo a você, é incrível pensar que você estará lendo um momento de minha vida que já passou, que já não é mais porque já se foi – sendo agora apenas uma recordação do passado – recente, é verdade, mas passado. Veja Otto, que coisa louca! A palavra amigo que ficou na outra página, que ficou para trás, já era, não é mais e nunca será outra vez, porque o tempo correu... Mas então a gente só vive do que já passou, do já morto, do já inexistente? Então não há nada que resista a essa carga de morte constante e implacável que o tempo despeja em nossa vida?...



Foto: Arquivo Pessoal





Washington, 11 março 1959, quarta-feira.

Fernando,

Sua carta foi mais que bem-vinda. Nem se preocupe por não me escrever, eu tenho tal dificuldade de escrever cartas que seria a última a não compreender.

Fernando, mandaram-me a revista "SR". Quem ficou meio cega no fim do conto fui eu.* Virgem Maria, Fernando, há muito não me emocionava tanto com coisa escrita. Acho o conto tão perfeito que só por isso perdôo a você a emoção e lágrimas. Não sei como você conseguiu "transmitir" tanto a menina – sem usar "descrição". É um conto em cinema mudo. Só que não tive coragem de reler imediatamente, só mais tarde. Deus abençoe você, Fernando.

Clarice

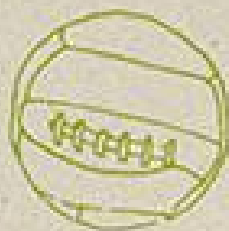
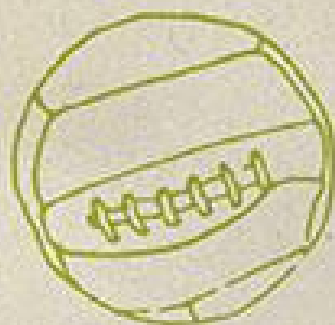


Refere-se à última frase do conto publicado na revista Senhor, Passeio (em "A companheira de Viagem"), quando o pai informa à filha que vai se separar da mãe dela: "Saíram, e a menina o conduzia pela mão como a um cego".



SABINO, Fernando; LIPECTOR, Clarice.
Cartas perto do coração: dois jovens escritores
cartas entre o mistério da criação.
Rio de Janeiro: São Paulo Record, 2008. 200p.





Pablito.

Em Março deixo mesmo a Embaixada, e pretendo ficar aqui mais um pouco, por minha conta e risco – pelo menos até a Copa.

No mais, escreva-me, mandrião. Bem ou mal, iniciei o diálogo, como dizia o Magalhães Pinto: “é preciso dialogar”. Já comprei sua entrada da Copa, que custou 15 xelins a mais do que o esperado, vão por conta da firma: cobrá-los-ei na forma de carta sua. Amo também a forma oblíqua, pois para isso Deus nã-la deu, como diria o Jânio. Que língua a nossa!



SABINO, Fernando.
Cartas na mesa. 2. ed.
Rio de Janeiro:
Rocco, 2000. 300 p.



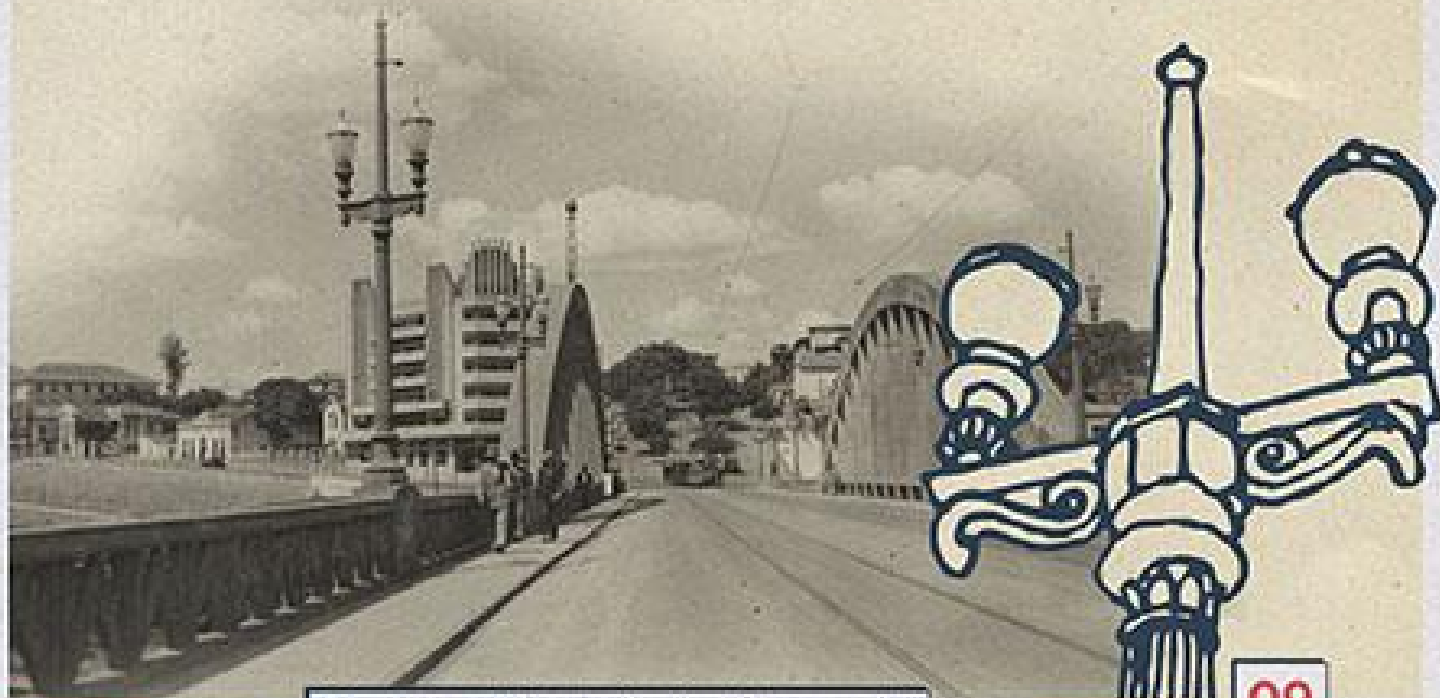
“

.... ai, Minas Gerais, já ter saído de lá, tuas sombras, teus noturnos, teus bêbados pelas ruas, Eduardo Marciانو, minha mágoa, minha pena, minha pluma, merecias morrer afogado, o barco te leva para longe, a praia está perdida, mas voltarás nem que tenhas de andar sobre as águas.

De tudo, ficaram três coisas: a certeza de que ele estava sempre começando, a certeza de que era preciso continuar e a certeza de que seria interrompido antes de terminar. Fazer da interrupção um caminho novo. Fazer da queda um passo de dança, do medo uma escada, do sono uma ponte, da procura um encontro.



SABINO, Fernando.
O encontro marcado.
Rio de Janeiro:
Record, 2001. 296 p.





Acostumara-se a ler os franceses – os proibidos – na biblioteca do Ginásio, em traduções. Lera Madame Bovary, lera Eugénie Grandet, lera Gargantua – pouco lucrou com a leitura. Com este último ficou impressionado: como um livro podia conter tanta palavra baixa, tanta cena escabrosa, tanta porcaria. Mas achava engraçado, por isso ia lendo. Comprou um dicionário, prendeu-se em casa durante muitas noites, lendo à força os três livros de contos que lhe foram emprestados. Não entendeu muito bem, não gostou muito:

– Se isso é que é boa literatura, então meus contos são uma merda - concluiu, imitando seu novo amigo.

Últimos dias de aula. Eduardo, Mauro e Eugénio (um rapaz franzino, pálido e de olhar vivo, que viera transferido de outro colégio) conversavam no corredor sobre a vida que iam enfrentar lá fora, o destino que os esperava. Resolveram, os três, assumir um compromisso: qualquer que fosse o caminho que eles tomassem, vinte anos depois voltariam a reunir-se ali, naquele lugar.

– Vinte, não: quinze _ objetou Eduardo: - Vou morrer antes disso.
 – Então quinze - concordaram os outros dois, sem se importar que ele morresse. Onde estivessem, acontecesse o que acontecesse.
 – Neste mesmo lugar.
 – Mesmo que tenham derrubado o Ginásio, nos encontraremos no lugar onde havia o Ginásio.

Marcaram data certa, dia e hora, cada qual escreveu num papelzinho.

– Quem faltar, é porque morreu.
 – Ou então está preso...
 – Só não pode esquecer...
 Calaram-se, e ficaram pensando...
 – Que será de nós? - perguntou um deles, distraído.

Que seria deles? Não sabiam, e não se incomodavam. Eduardo deixava aquele lugar sem saudade. Não chegou a ter outra conversa com o diretor: pouco tempo depois o padre morria, nem houve solenidade de formatura por causa disso.

No último dia não chegou a quebrar o globo de luz da entrada principal.



SABINO, Fernando.
 O encontro marcado.
 Rio de Janeiro:
 Record, 2004. 256 p.

– Tá na hora! Evém o trem!

“

Ao longe apontava a primeira fuma-cinha, já conhecida. Viramundo desceu o barranco aos pulos, enquanto a molecada se ajeitava lá em cima. Escorregou para o leito da estrada, ouviu no ar o ruído da locomotiva cada vez mais forte. Ela já surgia lá longe, na curva, apenas uma mancha negra aumentando. Geraldo Viramundo saltou sobre os trilhos, pulou dois dormentes e se postou sobre o terceiro, firme, pernas separadas, bracinhos erguidos. Os meninos lá em cima gritavam de horror, alguns fugiram, outros esconderam a cara.

– Sai, Geraldo! Sai! – berrou apavorado o Bertoldo, seu irmão.

A máquina, ameaçadoramente visível e crescendo como um demônio, apitou pela primeira vez. Depois apitou outra, mais outra – Geraldo Viramundo olhou para ela pela última vez e fechou os olhos, sentindo o dormente vibrar sob seus pés (...)



SABINO, Fernando.
O grande maricaptão: relato das
aventuras e descobertas de Viramundo
e de seus instigantes peregrinações.
63. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005. 251p.

Geraldo Viramundo abriu devagari-nho os olhos e viu de perto, a menos de dez metros, aquela má-quina preta e enorme, avassalado-ra, a muralha de ferro limpa-trilhos, o vidro do farol brilhando como o olho de Deus, aquele arfar inces-sante do monstro derrotado. Sentiu subir dentro de si uma onda de en-tusiasmo, agitou loucamente os braços, pulando sobre o dormente:

– Ele parou! Ele parou, pessoal! Ele parou! (...)

Corria agora ao longo do barranco, se aproximando dos companheiros. Num último olhar de orgulho para a máquina lá embaixo, se deteve bem no alto e bateu no peito:

– Eu! Eu fiz o trem parar!

Retirou do bolso as mãos cheias de bolinhas de vidro de todas as cores, jogou-as para cima:

– Toma, negrada! Não quero aposta nem nada! Quantas bo-linhas quiserem! Todas, todas! Parou, vocês viram? Eu disse que parava! ...



“ o menino no espelho

Por que diabos eu queria encontrar alguém igual a mim? É o que ficava pensando, a olhar a minha própria figura refletida no espelho. Eu não achava graça nenhuma em mim, confesso que desde então eu já não era o meu tipo. Mas era comigo mesmo que eu tinha que viver e, neste caso, um menino feito aquele ali diante de mim é o que eu gostaria de encontrar, sem tirar nem pôr. Um menino que, em tudo e por tudo, fosse absolutamente igual a mim – porque do contrário não tinha graça. Que falasse como eu, se vestisse como eu, andasse como eu, pensasse e sentisse como eu. Juntos, nós dois seríamos capazes de tudo, das melhores brincadeiras, e até mesmo conquistar o mundo.

Ele ficava horas me observando, fazendo caretas e gatinhas para a minha figura, falando comigo mesmo como se fosse outra pessoa:

- Agora, por que você não cala a boca e escuta o que eu estou falando? Por que tem de ficar me imitando, repetindo tudo que eu faço? (...)

Mas o que mais me intrigava era a única diferença entre nós dois. Sim, porque um dia descobri, com pasmo, que enquanto eu levantava a perna esquerda, ele levantava a direita; enquanto eu coçava a orelha direita, ele coçava a esquerda. Reparando bem, descobria outras diferenças; (...)



Para testar, coloco a mão direita espalmada sobre o espelho. Como era de esperar, ele ao mesmo tempo vem com a sua mão esquerda, encostando-a na minha. Sorrio para ele e ele para mim; (...) Chego a ter a impressão de sentir o calor da palma da mão dele contra a minha. Fico sério, a imaginar o que aconteceria se isso fosse verdade. Quando volto a olhá-lo no rosto, vejo assombrado que ele continua a sorrir. Como, se agora estou absolutamente sério?

Um calafrio me corre pela espinha, arrepiando a pele: há alguém vivo dentro do espelho! (...) Não é imaginação, pois ele ainda está sorrindo, e sinto o contato de sua mão na minha, seus dedos aos poucos entrelaçarem os meus. Puxo a mão com cuidado, descolando-a do espelho. Em vez da outra mão se afastar, ela vem para fora, presa à minha.



SABINO, Fernando.
O menino no espelho, romance.
Recopil. Rio de Janeiro, 1997, 1999.

“ ela lava e ele enxuga

Eram três solteirões que viviam com o pai viúvo naquela casa do interior de Minas. Um dia o mais novo, e já não tão novo, conheceu uma moça, gostou da moça, acabou se casando com a moça.

Casou e mudou.

Tempos depois, indo visitar o pai e os irmãos, não escondeu seu entusiasmo:

– Gente, vocês não sabem como mulher é bom! Serve para tanta coisa...

Não deixa de ser uma definição do casamento, como era concebido antigamente. Hoje em dia, prevalece mais a que decorre do comentário feito por aquele outro, depois que se casou:

– Então quer dizer que casamento é isso? Ela lava e eu enxugo?



SABINO, Fernando.
No fim da carta se não deu,
é porque não chegou ao fim.
2. ed., Rio de Janeiro:
Record, 1998, 229 p.

“ passeio

— **Aonde vamos, papai?**

Seguiam devagar, de mãos dadas, em direção ao túnel. Ele olhou em redor, desorientado.

— **Dar um passeio... Vamos passar pelo túnel - resolveu. - A pé, você já passou pelo túnel a pé?**

— **Não - disse a menina, extasiada. Num passeio com o pai, tudo era motivo de prazer. - A gente pode?**

— **Pode. Tem um lugar do lado que é para a gente passar.**

— **De que é feito o túnel, papai?**

De que era feito o túnel? Essa era um pergunta meio tola. Tinha oito anos e parecia inteligente... O túnel era um buraco na montanha, não era feito de nada.

— **Ah...**

De repente, porém, ela o surpreendeu:

— **Túnel deprime muito a gente.**

— **Deprime? Com quem você aprendeu isso?**

— **Com mamãe: nós duas andamos muito deprimidas.**

Positivamente, a mulher deveria ter mais cuidado com o que falava. O que seria daquela menina sem ele perto, para... para...

— **E por que vocês andam deprimidas?**

— **Não sei: acho que é porque não temos vontade de comer.**

Era preciso falar - e falar com jeito, sem escandalizar a menina, assustá-la para a vida. Não dá motivo fútil - era o que recomendavam. O que uma menina de oito anos entenderia por motivo fútil?



SABINO, Fernando.
A companhia da viagem.
14. ed. Rio de Janeiro:
Record, 2002. 171 p.



fome de amor

Para a indiferença mal disfarçada dos companheiros de prisão, narrava agora como fora o primeiro encontro:

– Foi de tarde. Uma tarde muito clara, o mar muito verde. Ela vinha vindo ao longo da praia, com um vestido leve, todo branco, os braços nus... Tinha os cabelos escorridos como de quem acabou de sair do banho. Sua pele era um pouco queimada de sol, mas não chegava a ser bronzeada, era assim de uma cor meio dourada, assim como a de um franguinho assado...

– Desses bem novinhos? – perguntou um dos ouvintes, já vivamente interessado.

– É isso mesmo – continuou ele, se entusiasmando: – Bem novinho, de espeto, e ainda com um resto de gordura. A pele bem esticada, muito fina, quase estalando.

– E o peito – acrescentou outro: – Bem cheio, recheado, com aquela carne muito branca.

– Perto da coxa, aquela parte mais torradinha...

Começaram a destrinchar o frango, famélicos, disputando cada um seu pedaço...



Sabino, Fernando.
A companhia de viagem, 34. ed.
Rio de Janeiro: Record, 2002. 171 p.

“ a aventura do cotidiano – prova

Prova de redação naquela escola pública, tendo como tema “a pessoa que eu mais admiro”. Surgiram heróis de histórias em quadrinhos, artistas de cinema e televisão e, como não podia deixar de ser, muitas vezes a própria mãe (nem uma só vez o pai, figura que poucos conheciam).

Uma das provas chamou particularmente a atenção da professora: a de uma menina para quem a mãe era também a pessoa que mais admirava – pelo caráter, pela dignidade, pela ternura que lhe dispensava, pela educação que lhe soube dar. O trabalho foi elogiado perante a turma, como dos melhores, e a satisfação da menina foi tanta que, alguns dias mais tarde, à saída da aula, pediu à professora:

– Quería lhe apresentar a minha mãe. Ela está aí fora.

A surpresa foi pungente, para quem já a conhecia pela descrição que a filha havia feito. Vestida de trapos, catadora de lixo nas feiras livres – a mãe era mendiga.



SABINO, Fernando.
A filha que não me fez, 4. ed.
Rio de Janeiro: Record, 1999, 199p.



“ o homem nu

Pôs a água a ferver e abriu a porta de serviço para apanhar o pão. Como estivesse completamente nu, olhou com cautela para um lado e para outros antes de arriscar-se a dar dois passos até o embrulhinho deixado pelo padeiro sobre o mármore do parapeito. Ainda era muito cedo, não poderia aparecer ninguém. Mal seus dedos, porém tocavam o pão, a porta atrás de si fechou-se com estrondo, impulsionada pelo vento.

Aterrorizado, precipitou-se até a campainha e, depois de tocá-la, ficou à espera, olhando ansiosamente ao redor. Ouviu lá dentro o ruído da água do chuveiro interromper-se de súbito, mas ninguém veio abrir. Na certa a mulher pensava que já era o sujeito da televisão. Bateu com o nó dos dedos:

– Maria! Abre aí, Maria. Sou eu – chamou, em voz baixa. Quanto mais batia, mais silêncio fazia lá dentro.

Enquanto isso, ouvia lá embaixo a porta do elevador fechar-se, viu o ponteiro subir lentamente os andares...

Desta vez, era o homem da televisão!

Não era. Refugiado no lanço da escada entre os andares, esperou que o elevador passasse, e voltou para a porta de seu apartamento, sempre a segurar nas mãos nervosas o embrulho de pão: – Maria, por favor! Sou eu!

Desta vez não teve tempo de insistir: ouviu passos na escada, lentos, regulares, vindos lá de baixo... Tomado de pânico, olhou ao redor, fazendo uma pirueta, e assim despido, embrulho na mão, parecia executar um ballet grotesco e mal ensaiado. Os passos na escada se aproximavam, e ele sem onde se esconder. Correu para o elevador, apertou o botão. Foi o tempo de abrir a porta e entrar, e a empregada passava vagarosa, encetando a subida de mais um lanço de escada. Ele respirou aliviado, enxugando o suor da testa com o embrulho do pão. Mas eis que a porta interna do elevador se fecha e ele começa a descer.

– Ah, isso é que não! – fez o homem nu, sobressaltado. E agora?



SABINO, Fernando. O homem nu.
28. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000. 100 p.

“ o dia da caça



Andando, subindo morro, saltando cerca, atravessando valas, pisando em barro, escorregando no capim. O estômago começou a doer.
 - Seu Chico, o melhor é a gente desistir. Estamos com fome.
 - Hoje no jantar vocês comem perdiz. Ou eu desisto de ser caçador.



Sua honra estava em jogo. A tarde avançava e Seu Chico perscrutando o pasto, apulando o cachorro. Paulo, sentado num toco - desistira de andar: tirara o sapato e coçava o dedão do pé. Resolvi também fazer uma parada para caçar carrapatos. Seu Chico desapareceu numa dobra do terreno. De repente, pum! pum! - era o caçador solitário. Teria acertado desta vez? A vaca de novo. Vinha vindo pachorrentamente pela picada aberta por ela própria.
 - Guidado, Paulo! - preveni. - Olha a vaca.



Paulo se voltou para a vaca, que já ia passando ao largo:
 - **Buuul** - fez com desprezo.

A vaca se deteve, voltou-se nos flancos e de súbito disparou num pesado galope em sua direção. Paulo deu um salto, abriu a correr, passou por mim como um raio:
 - **Fogel Fogel**

Atrás de nós a terra estremecia e a vaca bufava, escavando o chão com as patas.
 - Seu Chico! Socorro!

Em poucos minutos e aos saltos, escorregadelas, trambolhões, cruzamos o terreno que leváramos toda a manhã a conquistar. Já na porteira da fazenda, nos voltamos para ver a vaca, que ficara para trás, entretida com uma touceira de capim.
 - Devo ter falado algum palavrão em língua de vaca.



SABINO, Fernando.
 A companhia de viagem. 14. ed.
 Rio de Janeiro: Rocco, 2002. 171 p.

“ na escuridão miserável

Ela vacilou, intimidada. Insisti, abrindo a porta:

- Entra aí, que eu te levo.

Acabou entrando, sentou-se na pontinha do banco, e enquanto o carro ganhava velocidade, ia olhando duro para a frente, não ousava fazer o menor movimento. Tentel puxar conversa:

- Como é o seu nome?

- Teresa.

- Quantos anos você tem, Tereza?

- Dez.

- E o que estava fazendo ali, tão longe de casa?

- A casa da minha patroa é ali.

- Patroa? Que patroa?

Pela sua resposta, pude entender que trabalhava na casa de uma família no Jardim Botânico: lavava roupa, varria a casa servia à mesa. Entrava às sete da manhã, saía às oito da noite.

- Hoje sai cedo. Foi jantarado.

- Você já jantou?

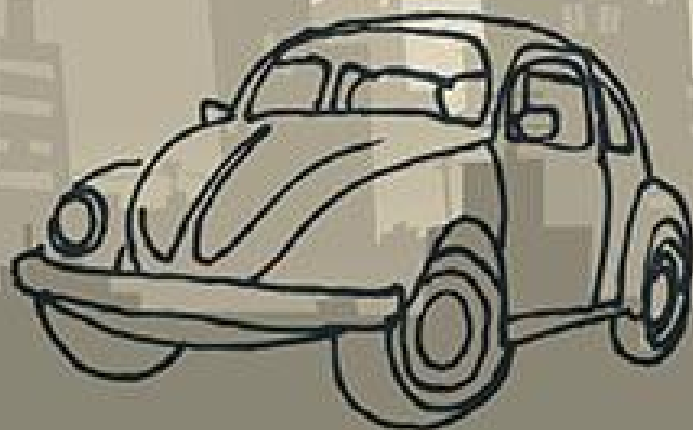
- Não. Eu almocei.

- Você não almoça todo dia?

- Quando tem comida para levar, eu almoço; mamãe faz um embrulho de comida pra mim.

- E quando não tem?

- Quando não tem, não tem – e ela até parecia sorrir, me olhando pela primeira vez. Na penumbra do carro, suas feições de criança, esqueléticas, encardidas de pobreza, podiam ser as de uma velha.



SABINO, Fernando.
A vitrola da infância, seleção, 8. ed.
São Paulo: Atica, 2005, 196 p.

“ Ária para assovio

Vinicius de Moraes costumava dizer que, vivendo no estrangeiro, sentia falta mesmo era de ouvir à noite o pinicar de um cavaquinho por trás do tabique de uma construção.

Quando eu morava em Londres me lembrava sempre disso, andando por aquelas ruas silenciosas. Já não digo um cavaquinho, que soaria como Hino Nacional aos meus ouvidos: bastaria um simples assovio.

(Assovio ou assobio?, me pergunto de passagem. Uso indiferentemente os dois, mas opto aqui pelo primeiro, que soa mais doce, como fez o próprio Vinicius na sua “Ária para Assovio”.)

Pois um dia percebi que os ingleses me olhavam de passagem, com aquele ar disfarçado que eles têm de fingir que não estão reparando. Só mais tarde descobri a razão: eu vinha distraído pela rua, assoviando um samba.

Concluí então que devíamos mandar alguns assoviadores patrióticos em turnê pelo mundo, seria um sucesso.

O assovio para mim é atávico, ancestral, imperativo de nacionalidade, manifestação genuína da alma brasileira. (ou da malandragem brasileira.) (...)

Eu mesmo, em menino, quando minha mãe me mandava ao armário da Rua Santa Rita Durão buscar um retrós, ou forrar meia dúzia de botões com o retalho do vestido, decidia comigo para espantar a preguiça: vou de assovio.



SABINO, Fernando.
No fim do conto: se não deu,
é porque não chegou ao fim. 2. ed.
Rio de Janeiro: Record, 1999. 220 p.

“ é perigoso viver

VIVER é muito perigoso – quem afirma é Guimarães Rosa, pela boca de Riobaldo Tatarana. Ao que outro amigo, também médico, costuma acrescentar: e faz mal à saúde. Já se imaginou doença mais devastadora? Envelhece, desgasta, aniquila, faz cair cabelos e dentes, relaxa, intumescce, contamina, deteriora. Ataca todos os órgãos, especialmente o coração.

Então, só nos resta buscar no psicanalista consolo para o estrago de viver e, esvaziando a alma de sua impura carga, nos orgulhar de estar morrendo a cada instante. Exatamente como aquele homem da anedota, que fazia pipi na cama, e que depois de psicanalisando continuou fazendo, mas passou a ter um grande orgulho disso.



SABINO, Fernando. No fim do certão, se não des, é porque não chegou ao fim. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. 200 p.





“ quer dar-me o prazer?

Quer dar-me o prazer, senhorita? Mal sabiam elas que espécie de prazer estávamos pedindo. A boa técnica recomendava ajeitar antes a calça de maneira a propiciar o melhor contato possível durante a dança. Convinha também misturar-se aos casais no centro do salão, se a intenção fosse (e sempre era) a de chamar a moça nos peitos. De vez em quando, uma precavida passagem pela periferia, mantendo a distância regulamentar para tranquilizar o olhar vigilante da mão.

A fim de proteger os noivos contra as tentações, alguém tinha de exercer o papel de uma instituição hoje inconcebível, até no nome meio galato pelo qual era designada: o pau-de-cabeleira. O que a um jovem de hoje soaria como fescenino termo de giria, cuja origem, aliás, desconheço, na realidade era o guardião daqueles que pretendiam juntar

seus destinos e corriam o risco de juntar os corpos logo de uma vez, sem esperar o casamento.

Em casa, nas festas, nos passeios ou mesmo na rua, lá estava o casal de noivos acompanhado do pau-de-cabeleira, que podia ser uma irmã, uma tia, e até mesmo, valha-nos Deus, a futura sogra.

É verdade que, à exceção da sogra, os pau-de-cabeleira eram passíveis de convivência e até mesmo sensíveis ao suborno, principalmente quando irmãos menores. **Mas apenas para conceder-nos a ocasião de uma dissimulada carícia ou, na melhor das hipóteses, um beijo sófrego e assustadicho na porta da rua, no vão da escada ou no elevador, à hora da despedida.**



SABINO, Fernando. No fim da carta
se não deu, é porque não chegou ao fim.
2. ed. Rio de Janeiro: Focore, 1998. 222 p.

“ a última crônica

São três velinhas brancas, minúsculas, que a mãe espeta caprichosamente na fatia do bolo. E enquanto ela serve a coca-cola, o pai risca o fósforo e acende as velas. Como a um gesto ensaiado, a menina repousa o queixo no mármore e sopra com força, apagando as chamas. Imediatamente põe-se a bater palmas, muito compenetrada, cantando num balbucio, a que os pais se juntam discretos. "Parabéns pra você, parabéns pra você..." Depois a mãe recolhe as velas, torna a guardá-las na bolsa. A negrinha agarra finalmente o bolo com as duas mãos sófregas e põe-se a comê-lo. A mulher está olhando para ela com ternura – ajeita – lhe a fitinha no cabelo crespo, limpa o farelo de bolo que cai ao colo. O pai corre os olhos pelo botequim, satisfeito, como a se convencer intimamente do sucesso da celebração. De súbito, dá comigo a observá-lo, nossos olhos se encontram, ele se perturba, constrangido – vacila, ameaça abaixar a cabeça, mas acaba sustentando o olhar e enfim se abre num sorriso. Assim eu queria a minha última crônica: que fosse pura como esse sorriso.



SABINO, Fernando.
A infância da infância: seleção.
R. de São Paulo, Alceu,
2005. 166 p.



o tempo das vacas gordas



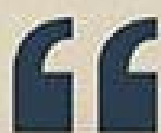
Só me resta ir ficando aqui e tomar um drinque, como brinde a estas doces e nostálgicas recordações... Nem é preciso recordar mais nada para o leitor perceber que sou mesmo do tempo das vacas gordas.

Um tempo em que a escola era risonha e franca.
 Em que se amarrava cachorro com lingüiça.
 Em que o melhor da festa era esperar por ela.
 Em que mais valia um gosto que seis vinténs.
 Em que a areia das praias era mais clara.
 Em que as letras impressas eram maiores.
 Em que as ladeiras eram mais suaves.
 Em que as distâncias eram mais curtas.
 Em que os dias eram mais longos.
 Em que o amor era mais puro.
 Em que a mocidade era eterna.



SABINO, Fernando.
 No fim do cartão, se não deu,
 é porque não chegou ao fim.
 2. ed. Rio de Janeiro:
 Record, 1995. 220 p.

extra



obra bibliográfica

(1944-1990)



O grande mentecapto (1979, Record)
O encontro das águas (1977, Record)
Deixa o Alfredo falar! (1976, Record)
Gente (1975, Record)
A inglesa desatracada (1967, Sualil)
A companheira de viagem (1965, Editora do Autor)
A mulher do vizinho (1962, Editora do Autor)
A mulher no (1960, Galileia Brasileira)
O homem no (1960, Editora A Horta)
O encontro marcado (1956, Galileia Brasileira)
A vida real (1950, Editora A Horta)
A cidade vazia (1950, O Cruzeiro)
A marca (1944, José Olympio)



A volta por cima (1990, Record)
De cabeça para baixo (1989, Record)
A volta para baixo (1988, Record)
O tabuleiro das damas (1987, Record)
Martel Seco (1987, Ática)
O pintor que pintou o sete (1985, Record)
O pastor de dois gumes (1984, Editora Nacional)
O gato de dois gumes (1984, Record)
A face da infância (1984, Record)
A vítima da infância (1984, Record)
A vítima da infância (1984, Record)
Macacos me mordam (1982, Record)
O gato sul eu (1982, Record)
O menino no espelho (1982, Record)
A falta que ela me faz (1982, Record)

“ obra bibliográfica

(1991 - 2002)

- Zélia, uma paixão (1991, Record)
 O bom ladrão (1992, Ática)
 Aqui estamos todos nus (1993, Record)
 Os restos mortais (1993, Ática)
 A nudez da verdade (1994, Ática)
 Com a graça de Deus (1995, Record)
 O outro gume da faca (1996, Ática)
 Um corpo de mulher (1997, Ática)
 O homem feito (1998, Ática)
 Amor de Capitu (1998, Ática)
 No fim dá certo (1998, Record)
 A chave do enigma (1999, Record)
 O galo músico (1999, Record)
 Cara ou coroa? (2000, Ática)
 Duas novelas de amor (2000, Ática)
 Livro aberto - Páginas soltas ao longo do tempo (2001, Record)
 Os caçadores de mentira (2003, Rocco)
 Os movimentos simulados (2004, Record)

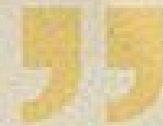
Correspondências publicadas

- Cartas a um jovem escritor e suas respostas** - correspondência com Mário de Andrade (1993, Editora Record)
Cartas perto do coração - correspondência com Clarice Lispector (2001, Editora Record)
Cartas na mesa - correspondência com Paulo Mendes Campos, Otto Lara Resende e Hélio Pellegrino (2002, Editora Record)





ficha técnica



ANTONIO AUGUSTO ANASTASIA
Governador do Estado de Minas Gerais

ALBERTO PINTO COELHO
Vice-Governador do Estado de Minas Gerais

ELIANE PARREIRAS
Secretária de Estado de Cultura

MARIA OLÍVIA DE CASTRO E OLIVEIRA
Secretária Adjunta de Estado de Cultura

ÁUREA ELOISA GODINHO PIACESI
Superintendente de Bibliotecas Públicas de Minas Gerais

MARINA NOGUEIRA FERRAZ
Diretora do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas Municipais

APARECIDA DO CARMO
ERICKA FANTAUZZI
MARINA NOGUEIRA
SILVANIA ALVES
Seleção de textos

ANGÉLICA FERRAZ
DANIEL MACIEL
Designer Gráfico



CULTURA